

A ARQUEOLOGIA COMO AÇÃO POLÍTICA. O PROJETO GUERRA DO CARVÃO DO COLORADO*

*Randall H. McGuire***

Algumas imagens normalmente vêm à mente quando pensamos em Arqueologia. Arqueologia diz respeito ao estrangeiro, ao exótico, ao misterioso, ao aventureiro e, principalmente, sobre o Outro. Este artigo é meu esforço pessoal para construir uma Arqueologia que é o oposto desta imagem. Uma Arqueologia familiar, próxima, relevante, complexa e, mais importante, sobre nós. Para mim, a planta desta construção repousa em meu esforço pessoal para encontrar unidade em minha própria família e herança. Procurei por esta unidade escavando memórias de classe que têm sido escondidas e ocultadas.

Meu avô nunca entendeu porque eu fui ser um arqueólogo. Foi um sindicalista que trabalhou a maior parte de sua vida em um gasoduto e criou algum gado no Colorado do Norte. Interessava-se pouco pelo estrangeiro, o exótico, o misterioso, o aventureiro e, acima de tudo, pelo Outro. Estava ocupado demais ganhando a vida. Um verão, em uma escola de campo não longe de sua casa, eu estava trabalhando em uma trincheira-teste, com uma picareta. No sol quente, o suor escorreu em meu dorso nu e a poeira virou barro em minha pele. Uma pequena chuva de pedrinhas obrigou-me a levantar os olhos e, lá de pé, na borda da trincheira, estava meu avô. Ele simplesmente disse “Olá Randy” e desapareceu antes que eu pudesse me desvencilhar para falar com ele. Depois disto, contudo, ele passou a ter um novo respeito pelo meu interesse em Arqueologia porque, obviamente, era um “trabalho de homem” que calejaria minhas mãos. No verão seguinte consegui meu primeiro

trabalho pago em Arqueologia e ele decidiu que Arqueologia era OK, pois era um trabalho honesto e alguém estava disposto a me pagar para fazê-lo. Mas, ele nunca compreendeu porque eu procurei fazê-lo. Somente agora encontrei o projeto que ele entenderia.

O Projeto Guerra do Carvão do Colorado

Na manhã de 20 de abril de 1914, tropas da Guarda Nacional do Colorado abriram fogo em um acampamento de 1.200 mineiros de carvão em greve em Ludlow, Colorado. Eles continuaram o tiroteio até tarde e, então, devastaram completamente o acampamento, saqueando-o e colocando-o em chamas. Quando a fumaça dissipou-se, vinte dos habitantes do acampamento estavam mortos, incluindo duas mulheres e onze crianças. O massacre de Ludlow é o evento mais bem conhecido e mais violento da greve do carvão do Colorado de 1913-1914, mas seu significado foi muito além desta luta. A morte de mulheres e crianças em Ludlow indignou o público americano e ajudou a voltar a opinião popular contra lutas violentas com grevistas. Isto marca um fulcro na História dos Estados Unidos, a partir do qual as relações de trabalho começaram a se deslocar da luta de classe para políticas de negociações de corporações e de governo, co-opção e greves regulamentadas. Hoje, contudo, a memória popular do massacre foi em grande medida perdida fora dos ambientes sindicais, e a realidade de lutas de classe nos Estados Unidos foi esquecida.

Eu me uni a Dean Sattia, da Universidade de Denver e Philip Duke, do Fort Lewis College, para recuperar esta memória e exumar a luta de classe de 1913 e 1914 nos campos de carvão do Colorado do sul. Além de nosso desejo por aumentar o conhecimento erudito e popular da história do con-

(*) Traduzido por Solange Nunes de Oliveira, mestranda em História, IFCH-Unicamp, revisado por Pedro Paulo A. Funari, IFCH-Unicamp. Versão final, Maria Isabel D'Agostino Fleming, MAE-USP.

(**) Antropologia, Universidade de Binghamton, Binghamton, NY, EUA.

flito de classe nos Estados Unidos, também desejamos confrontar as duas maiores ambigüidades de nossa vida profissional: primeiro, que somos filhos da classe trabalhadora que têm se unido à classe média acadêmica e, segundo, que somos arqueólogos europeus-americanos que construímos nossa carreira sobre o estudo de um povo conquistado.

Classe

Cada um de nós é um filho da classe trabalhadora e agora trabalhamos na academia. A Arqueologia, como disciplina, serve aos interesses de classe que são freqüentemente contrários aos da posição da qual viemos. Encontramo-nos em um estranho e maravilhoso lugar, mas não estamos sempre confortáveis na academia e nossa atual posição de classe nos aliena de nossa vida de infância e da vida de nossas famílias em sentido mais amplo.

A Arqueologia tem tipicamente servido aos interesses da classe média. Faz parte de um aparato intelectual (coisas como escolas, livros, revistas, organizações e artes) que produz o capital simbólico (coisas como conhecimento exotérico, experiência compartilhada, reconhecimento e habilidades sociais) que os indivíduos precisam para ser parte da classe média. Este aparato, incluindo a Arqueologia, se desenvolveu como parte de lutas históricas que criaram a classe média capitalista (Trigger 1989, Patterson 1995). Por estar estabelecida na classe média, a Arqueologia atrai primordialmente membros desta classe e, freqüentemente, não tem apelo às platéias da classe trabalhadora.

Com freqüência, as pessoas da classe trabalhadora julgam difícil adquirir a educação superior necessária para ganhar este capital simbólico. A educação superior comumente separa a aprendizagem da ação (Potter 1994: 148-149). Esta separação cria um obstáculo para indivíduos da classe trabalhadora, que têm que procurar trabalho para manter-se e às suas próprias famílias. Estas pessoas podem se permitir apenas um aprendizado que seja parte de seu trabalho, aprender nas suas horas de folga, ou rapidamente aprender habilidades técnicas que podem aplicar diretamente no trabalho. Cada um de nós superou este obstáculo, mas permanecemos desconfortáveis com o conhecimento pouco prático.

A separação entre o aprender e o fazer também permeia as relações de trabalho entre a classe média e a classe trabalhadora. O trabalho da classe média é, predominantemente, trabalho intelectual, a aplicação de conhecimento formal ou princípios, geralmente para tarefas que os indivíduos da classe trabalhadora executam. A ideologia da classe média deposita um alto valor no aparato intelectual do capitalismo, especialmente instituições educacionais, tanto porque a classe se reproduz através deste aparato, quanto porque uma boa parte da classe ganha a vida com isso. A ideologia da classe trabalhadora tende a ressentir-se deste aparato como elitista, tanto porque ele impede sua própria mobilidade de classe, quanto porque, no local do trabalho, sua experiência e habilidade são usualmente subservientes ao conhecimento formal. Assim, os indivíduos da classe média tendem a valorizar a aprendizagem por livros, em contraste com o apreço da classe trabalhadora pelo conhecimento baseado na experiência (Sennett e Cobb 1972, Frykman 1990).

Em parte devido ao desconforto com nossa atual posição de classe, desejamos fundir nossos esforços eruditos e políticos aos interesses da nossa classe de origem. Assim entramos no diálogo em desenvolvimento entre trabalho organizado e intelectuais nos Estados Unidos. A eleição de John Sweeny como presidente do AFL-CIO, em 1995, levou a uma revitalização da organização como um movimento de interesse social de amplas bases. Como parte deste movimento, um seminário conjunto entre a academia e o trabalho foi realizado na Universidade de Columbia, de 3 a 4 de outubro de 1996, com a presença de mais de 2.500 pessoas (Tomasky 1997). Pelo menos dez outras experiências semelhantes seguiram em outros *campi* por todo o país (Tomasky 1997).

A Arqueologia como uma Prática Colonial

A segunda ambigüidade de nossas vidas profissionais nasce do fato que a Arqueologia nos Estados Unidos é uma prática colonial. Nós todos somos arqueólogos brancos, que construímos nossas carreiras estudando a herança de americanos nativos. A Arqueologia nos Estados Unidos é largamente um empreendimento colonial, o estudo da história do vencido por seus conquistadores. Como o exército americano repeliu as nações índi-

genas para o oeste e para reservas, antropólogos e arqueólogos reclamaram a si o passado dos americanos nativos (McGuire 1992). No fim do século XIX, antropólogos assaltavam sepulturas recentes dos americanos nativos à procura de corpos e faziam coletas nos campos de batalha. Americanos nativos contemporâneos vêem a escavação arqueológica do século XX simplesmente como uma extensão destas práticas detestáveis. Vêm chamando a atenção para o fato de que arqueólogos seriam presos por escavar sepulturas de brancos, em vez de recompensados com posições em museus e universidades. Destas posições, os antropólogos e arqueólogos escreveram a História da América nativa. Nos Estados Unidos, por décadas, duas histórias aborígenes têm existido. Uma tem sido uma História pública, pesquisada em universidades, escrita em livros e ensinada em escolas. A outra tem sido uma História oculta, ensinada por americanos nativos mais velhos em casa. Quando os americanos nativos fizeram da Arqueologia um lugar de luta, revelaram estas histórias ocultas e expuseram a opressão política oculta na Arqueologia norte-americana (Deloria 1973, 1995; Talbot 1984; Antone 1986; Hammil y Cruz 1989).

A luta pela repatriação exigiu um desempenho real para a ação política, ocasionando um grau de risco que esteve largamente ausente das discussões abstratas de ideologia e discursos hegemônicos. O punhado de arqueólogos nos Estados Unidos que sustentou a posição nativa americana e clamou pela reforma da Arqueologia foi visto como traidor, denegrido por muitos acadêmicos. A alguns se negaram trabalhos, oportunidades de publicação, permissões para apresentar trabalhos em reuniões nacionais e promoções por serem “políticos demais” Ou, para simplificar, por que eles se opuseram à postura política da maioria da profissão. Esta desconfiança não evaporou quando a legislação federal forçou arqueólogos a admitirem a posição nativa americana. A desconfiança talvez continue porque alguns arqueólogos americanos da linha dominante tenham procurado reescrever a História da luta de repatriação para refutar que os arqueólogos, representados pela Sociedade de Arqueologia Americana, tenham, em algum momento, se oposto à posição nativo-americana. Os radicais que apoiaram a repatriação são um fato inconveniente que põe em discussão esta história revisionista (Zimmerman 1992).

A presente acomodação que existe entre americanos nativos e arqueólogos é delicada (Echo-

hawk 1993). Do lado positivo, força arqueólogos a consultar e trabalhar com os americanos nativos. Dirige-se também a desejos profundos dos nativos de proteger a santidade das sepulturas de seus ancestrais e de recuperar objetos sagrados. A acomodação, contudo, não é intensa o suficiente para resolver a contradição fundamental da Arqueologia americana. Ela dá aos americanos nativos o controle final sobre os corpos e alguns dos objetos que os arqueólogos recuperam. Contudo, permite aos arqueólogos escrever histórias aborígenes e menospreza o fato que os americanos nativos pensam sua própria história de uma maneira essencialmente diferente da que nós pensamos. Isto permite a arqueólogos evitar a perturbadora pergunta com a qual povos americanos nativos continuam a nos assombrar. Por que nós, como arqueólogos, buscamos o passado que não é nosso? Podemos, de fato, estudar esta herança roubada em uma maneira tal que seja liberadora para americanos nativos em lugar de opressora?

Não somos capazes de achar respostas claras e não ambíguas a estas incômodas perguntas. Muito do que os arqueólogos aprenderam da História aborígene dos Estados Unidos está em confronto com mitos difundidos, que têm sido usados para oprimir os povos nativos. Talvez o mais prejudicial destes mitos seja a noção de que, antes da colonização europeia, a América do norte era uma região erma, pouco densamente povoada por caçadores e coletores. A Arqueologia pode claramente mostrar a falsidade nesta idéia e demonstrar que o continente foi densamente povoado por agricultores sofisticados, as maiores cidades aproximando-se de proporções urbanas. Os europeus não encontraram uma região desabitada na América, eles a criaram. A pesquisa de Larry Zimmerman no Fort Robinson, em Nebraska, mostra que a Arqueologia pode ser usada para apoiar as interpretações nativo-americanas de suas próprias histórias (McDonald *et al.* 1991). Há também exemplos de esforços colaborativos bem sucedidos entre americanos nativos e arqueólogos, como a pesquisa de Janet Spector (1993) sobre a aldeia Wahpeton Dakota, do século XIX, de Inyan Ceyaka Atonwan, no Minnesota. Temos tentado modelar nossa própria pesquisa sobre sítios nativos segundo tais estudos e continuaremos a fazê-lo, mas estamos crescentemente incomodados pelas contradições inerentes aos nossos esforços.

Nosso desconforto com as ambigüidades de nossas vidas profissionais levou-nos a considerar

nossa própria herança e uma história que tem sentido para os trabalhadores. A greve do carvão do Colorado de 1913 e 1914 não é uma história exótica ou antiga. É familiar, pertinente e sobre nós. É também parte de minha própria herança. O avô de minha mãe trabalhou na superfície como um ferreiro, no acampamento sul, e casou-se com minha bisavó. Na época da greve, contudo, ele se locomoveu para as minas em Hannah, Wyoming.

As histórias de minha família incluem a lembrança de Hannah. Um dia, quando minha avó tinha quatro anos, seu avô, seu tio e um primo adolescente, passaram em sua casa no caminho para a mina. Ela saiu precipitadamente e perguntou para o seu avô se poderia ir com eles. Ele riu-se e disse que poderia, mas primeiro ela teria que ir buscar a sua touca. Ela correu para dentro da casa mas, quando retornou, os homens haviam partido. Mais tarde naquele dia, ela foi surpreendida pelos fortes lamentos de sirene da mina. De repente, a estrada encheu-se de mulheres chorando e gritando, arrancando os cabelos e rasgando as roupas. A mina havia explodido e matado mais de duzentos homens. Seu avô, seu tio, seu primo de quatorze anos (todos os seus parentes adultos, exceto seu pai) haviam morrido.

Metas do Projeto

Nosso projeto incorpora metas teóricas, eruditas e políticas. Procuramos nos dirigir a múltiplos espectadores, incluindo eruditos, pessoas de fora da academia e, o mais importante, pessoas da classe trabalhadora. Em um nível teórico, desejamos construir uma práxis da Arqueologia que acarrete conhecer, criticar e transformar o mundo. Poderíamos argumentar que estas três metas são interdependentes e que cada uma se torna prejudicial se for separada das outras duas. Transformar o mundo depende do conhecimento concreto dele. Reconhecemos, contudo, que o conhecimento pelo conhecimento é complacente e, freqüentemente, trivial e que o conhecimento sem crítica pode ser mal empregado. Uma crítica do mundo inclui a avaliação de diferentes abordagens e auto-crítica. Mas, crítica sem conhecimento é enganosa e perigosa, enquanto crítica sem ação é niilista e complacente consigo mesma. Finalmente, arqueólogos precisam falar para outras platéias, além de nós. Quando fazemos isto, precisamos lembrar de que ação sem conhecimento é propensa a errar e que ação sem crítica é propensa ao auto-engano.

Nossa meta erudita é integrar testemunhos arqueológicos com testemunhos de arquivo para testar proposições sobre como a experiência mundana deu forma à greve. Tentaremos mostrar que as similaridades no cotidiano das famílias mineiras passam diferenças étnicas e culturais dentro da comunidade de mineiros, ajudando a formar uma consciência de classe comum, necessária para a ação do grupo. As greves não envolvem somente homens mineiros. Mulheres e crianças foram participantes importantes da greve de 1913-1914. Mostraremos como sua participação brotou de sua experiência vivida e como a luta mudou esta experiência. Obteremos os dados para testar estas proposições por meio de escavações dos depósitos domésticos datados do período imediatamente antes da greve, durante a greve e na década seguinte à greve. Nossos resultados terão implicações para a compreensão deste importante evento na História dos Estados Unidos, o processo de luta trabalhista nos Estados Unidos e para os correntes debates teóricos em Arqueologia sobre forças de mudança cultural.

Nosso projeto é uma forma de memória. Nossas escavações em Ludlow chamam a atenção ao que lá aconteceu. Pessoas do local vêm e nos contam a história de sua avó ou tio-avô que viveram no acampamento. As escavações também atraem a atenção da mídia, jornais, televisão e rádio. Nossas escavações fazem os eventos de 1914 serem notícias novamente. Estamos também desenvolvendo programas para estudantes e professores que contam a história da greve. Não temos que recuperar esta memória para um público da classe trabalhadora, especialmente os sindicalizados, mas podemos emprestar nossa perícia para ajudá-los a manter esta memória. A memória de Ludlow é forte no United Mine Workers. Um sindicalista profissional disse-nos para sermos cuidadosos e respeitosos em nosso trabalho porque o lugar é sagrado para eles. A memória é uma maneira de dirigir-se a um público da classe trabalhadora, falar para a sua experiência, em uma linguagem que eles podem entender, sobre eventos que interessam a eles e em relação aos quais sentem-se diretamente ligados.

A Guerra do Carvão do Colorado de 1913 e 1914

Em 1913, o Colorado era o oitavo maior Estado dos Estados Unidos em relação à produção de

carvão (McGovern e Guttridge 1972). A maior parte desta produção centralizava-se na jazida de carvão betuminoso, nos condados de Huerfano e Santa Ana, ao norte de Trinidad, Colorado. Estas minas principalmente produziram carvão coque para altos fornos em Pueblo, Colorado. A maior companhia de mineração de carvão desta região foi a Colorado Fuel and Iron Company de propriedade de Rockefeller. Esta companhia empregou aproximadamente 14.000 mineiros em 1913, 70% dos quais eram estrangeiros.

As condições das minas e da vida dos mineiros eram aterradoras (Beshoar 1957, McGovern e Guttridge 1972, Papanikolas 1982). Em 1912, a taxa de acidentes para as minas do Colorado era o triplo da média nacional (Whiteside 1990). As minas no sul do Colorado operavam em flagrante violação de várias leis do Estado, que regulamentavam segurança e justa remuneração dos mineiros. Os veios de carvão estavam em montanhas e os mineiros viviam em rudes acampamentos de carvão, isolados, de propriedade das companhias. Estas controlavam os alojamentos, as provisões, os serviços médicos, o bar da cidade e todas as instalações recreativas. Os guardas da companhia agiam como polícia e regulavam quem poderia entrar ou sair das comunidades. As companhias também dominaram muito da estrutura política local e instruíam seus empregados sobre como votar. Em 1912, a companhia demitiu 1.200 mineiros por suspeitar de atividades sindicais. Relatos contemporâneos descreveram a situação como feudal (Seligman 1914 a , 1914b).

Em 1913, o United Mine Workers – UMW (Sindicato dos Trabalhadores de Minas) lançou uma sólida campanha organizadora, nos campos de carvão do sul do Colorado, com vistas a lançar uma greve no outono daquele ano (Beshoar 1957, McGovern e Guttridge 1972, Papanikolas 1982). Os grevistas reclamavam o direito a sindicalizar-se, melhores salários e que as leis pertinentes do Colorado fossem obedecidas. Simultaneamente, as companhias trouxeram a Agência de Detetives Baldwin Feltz para violentamente reprimir os esforços de organização e, mais tarde, a greve. Em 23 de setembro de 1913, mais de 90% dos mineiros deixaram os poços para começar a greve. As companhias forçaram pessoas para fora de seus alojamentos e milhares de pessoas removeram barracas armadas pela UMW. Os grevistas construíram estes acampamentos nas entradas dos canyons que

levavam às minas, pois assim, poderiam interceptar fura-greves voltando às minas. Ludlow, com aproximadamente duzentas barracas e 1.200 residentes, foi o maior destes acampamentos. Foi também a sede da UMW para o município de Santa Ana. Cada um destes acampamentos continha uma mistura de nacionalidades, incluindo italianos, gregos, pessoas da Europa oriental, mexicanos, afro-americanos e galeses. Cada barraca foi armada sobre uma plataforma e armação de madeira e veio equipada com um fogão a carvão. O sindicato abasteceu os grevistas com comida, serviços médicos e um pagamento semanal durante a greve. Muitos personagens importantes na história do trabalho americano, incluindo Mary “Mother” Jones, Upton Sinclair e John Reed, envolveram-se com a greve.

A violência caracterizou a greve desde o início, ambos os lados cometendo tiroteios e assassinatos (Beshoar 1957, McGovern e Guttridge 1972, Papanikolas 1982). Em 28 de outubro de 1913, o governo do Colorado chamou a Guarda Nacional. No inverno de 1913 e 1914, as relações entre grevistas e a Guarda Nacional pioraram, especialmente no fim do inverno, quando o governador removeu as tropas da Guarda regular e as companhias de mineração substituíram-nas com seus próprios empregados, sob o comando dos oficiais da Guarda Nacional do Colorado. Em Ludlow e outros acampamentos, os grevistas cavaram porões sob suas barracas como refúgios para mulheres e crianças e trincheiras para rifles, em volta do acampamento para se defenderem.

Em 20 de abril de 1914, a Guarda atacou o acampamento em Ludlow. Aproximadamente às nove horas daquela manhã, o chefe da Guarda Nacional ordenou a Louis Tikas, o líder dos grevistas, que o encontrasse na estação de Ludlow. Temendo ser um pretexto para um ataque, grevistas armados tomaram uma posição em uma encruzilhada da ferrovia, inspecionando a estação. A Guarda Nacional posicionou uma metralhadora em uma colina a aproximadamente 1,5 quilômetros ao sul do acampamento de Ludlow. Alarmados pelo movimento dos grevistas, os guardas na colina começaram a disparar a metralhadora para dentro do acampamento. À medida que o dia avançava, até duzentos soldados da guarda juntaram-se à luta e uma segunda metralhadora foi somada à primeira. Depois de poucas horas de disparo, um dos sobreviventes notou que as barracas estavam cheias de buracos e pareciam renda (Thomas 1971). Os grevistas armados combateram a Guarda

e tentaram dirigir o fogo da metralhadora para longe do acampamento.

Houve um pandemônio no acampamento. Várias pessoas procuraram um refúgio num grande poço, onde permaneceram com água gelada até os joelhos pelo resto do dia. Outros escolheram refúgio atrás de uma ponte ferroviária de aço no canto noroeste do acampamento e muitas pessoas se amontoaram nos porões que cavaram sob suas tendas. Os líderes do acampamento trabalharam o dia todo para levar as pessoas ao leito seco de um riacho ao norte do acampamento e de lá para a casa de um fazendeiro solidário, distante dois quilômetros. No começo da tarde, um garoto de doze anos chamado Frank Snyder subiu o porão de sua família para conseguir comida para seus irmãos e foi morto a tiros. Seu pai, perplexo, começou a percorrer de barraca em barraca falando às pessoas para manterem seus filhos nos porões.

Ao anoitecer, um trem parou em frente à metralhadora da Guarda e bloqueou sua linha de fogo. A tripulação do trem repôs o veículo em movimento em resposta às ameaças dos guardas, mas ganhou-se um precioso tempo. A maioria das pessoas abandonou o acampamento e os grevistas armados escaparam, enquanto os guardas varreram o acampamento, saqueando e queimando as barracas. Quatro mulheres e dez crianças se amontoaram amedrontadas no porão, embaixo da barraca 58, enquanto as chamas consumiram a barraca acima delas. Os guardas capturaram Louis Tikas e dois outros líderes do acampamento e os executaram sumariamente. Quando a manhã veio, o acampamento era uma ruína fumegante e no porão, embaixo da barraca 58, duas mulheres e todas as crianças tinham morrido sufocadas.

Após o ataque, os grevistas por todo o sul do Colorado tomaram armas e imobilizaram a Guarda Nacional em Ludlow e a cidade de Walsenberg. Os grevistas controlaram o distrito mineiro e atacaram as cidades da companhia, destruindo várias delas e matando seus empregados. Finalmente, depois de dez dias de guerra, o Presidente Wilson enviou tropas federais para Trinidad para restabelecer a ordem. A greve continuou até dezembro de 1914, quando a UMW teve que suspendê-la porque havia se esgotado o fundo de greve.

A morte de mulheres e crianças em Ludlow chocou a nação (Gitelman 1988). Progressistas proeminentes, tais como Upton Sinclair e John Reed, usaram os eventos para demonizar John D.

Rockefeller Jr. aos olhos do público americano. O tribunal do Estado do Colorado intimou vários membros da Guarda Nacional, mas julgou-os inocentes de más ações. A Comissão dos Estados Unidos em Relações Industriais investigou os eventos da greve e publicou um relatório de 1.200 páginas. Em resposta a esta atenção nacional, Rockefeller contratou a primeira firma de relações públicas corporativas e instituiu uma série de reformas nas minas do Colorado do sul. Estas reformas incluíram melhoria infra-estrutural para as cidades da companhia, aplicação das leis relativas à mineração do Colorado, fraternização com os mineiros e um sindicato da companhia. Não está claro quais impactos práticos estas reformas tiveram nas vidas dos mineiros e suas famílias. Durante os anos 20, o distrito foi envolvido em greves, incluindo uma ação maior, liderada pelos Trabalhadores Internacionais do Mundo. O reconhecimento generalizado dos sindicalistas ocorreu, no Colorado do sul, somente com as reformas do *New Deal* de 1930 (McGovern e Guttridge 1972).

O que pode a Arqueologia nos contar sobre a Guerra do Carvão do Colorado

A Greve do Carvão de 1913 e 1914 no Colorado foi um acontecimento seminal no processo, a longo prazo, que transformou a sociedade dos Estados Unidos, na primeira metade do século XX. Muitos grandes trabalhos históricos sobre a greve têm explorado o rico registro de documentos e fotos relacionados a ela (Beshear 1957; McGovern e Guttridge 1972; Papanikolas 1982). Estes estudos focalizaram os eventos, os líderes grevistas e o trabalho organizacional do sindicato na greve. Tenderam a enfatizar o homem mineiro e as experiências comuns do trabalho como a fonte da consciência social que uniu mineiros, étnica e racialmente diferentes, na greve. As histórias, em geral, levam a crer, e às vezes afirmam, que os mineiros compartilhavam uma experiência comum vivida no trabalho, mas depois retornavam para as diferenças étnicas na vida doméstica. Desta maneira, elas admitem uma hipótese muito tradicional de ação de trabalho, que enfatiza o agir dos homens e diminui o papel das mulheres. Esta hipótese tende a identificar classe e luta de classe com homens ativos no local do trabalho, e etnicidade e tradição, com mulheres passivas nos lares.

Nós, e muitos outros, somos céticos quanto a esta visão tradicional (Long 1985, 1991; Beaudry & Marozowski 1988; McGaw 1989; Cameron 1993; Shackel 1994, 1996; Mrozowski *et al.* 1996). Concordamos que as identidades étnicas perpassam classe no sul do Colorado, impedindo a formação da consciência de classe, mas questionamos a equação de classe = local de trabalho = masculino, e etnicidade = lar = feminino. Alternativamente, proporíamos que classe e etnicidade perpassam tanto local de trabalho quanto o lar, o homem quanto a mulher. Desta forma, esperaríamos descobrir que homens da classe trabalhadora nas minas e mulheres da classe trabalhadora nos lares compartilhassem uma experiência cotidianamente vivida, que resultasse de sua posição de classe e que diferenças étnicas os dividissem em ambos os contextos.

Podemos demonstrar, por análises existentes, que as divisões étnicas existiram no local de trabalho. No sul do Colorado os mineiros trabalhavam como contratantes independentes e formavam seus próprios grupos de trabalho. Estes grupos de trabalho eram habitualmente estabelecidos etnicamente (Beshoar 1957, McGovern e Gruttridge 1972, Papanikolas 1982, Long 1991). Arqueólogos históricos e industriais têm também demonstrado, em muitos casos, que no século XIX e começo do XX, os locais de trabalho eram estruturados por grupos étnicos (Hardesty 1988, Besset 1994, Wegars 1991). Na hipótese tradicional, é a vida em comum e sua experiência de trabalho que superaram estas divisões étnicas no local de trabalho e em uma vida no lar etnicamente estabelecida, para criar uma consciência de classe.

A idéia de que existiu uma experiência de vida comum, que também auxiliou na formação de uma consciência de classe comum, é difícil de demonstrar pelas análises existentes. As histórias todas concordam que o cotidiano das famílias de mineiros era duro, mas elas fornecem pouco mais que testemunhos anedóticos da realidade ou variação destas condições. A historiadora Priscila Long (1985), em uma análise que apoia nossa hipótese alternativa, demonstrou que as mulheres nos campos de carvão do Colorado compartilhavam uma experiência comum de exploração sexual, mas ela também carece de dados detalhados das realidades da experiência vivida no cotidiano nas casas. Muitos arqueólogos históricos, estudando os lares étnicos dos trabalhadores em outros contextos do

século XIX e começo do XX, têm procurado ver a casa como um *locus* de cultura étnica (Schuyler 1980). Em casos onde não encontraram provas materiais de etnicidade, eles têm, usualmente, recorrido a noções de assimilação, como oposto à experiência de classe comum, para explicar a escassez de tais provas (DeCunzo 1983).

Nossa hipótese alternativa acentua a importância da casa na criação da consciência de classe. Procuraremos provar que as condições materiais do cotidiano da vida nas casas perpassam divisões étnicas dentro das comunidades mineiras antes, durante e depois da greve. Se este for o caso, então, argumentaremos em favor de que as mulheres e crianças foram agentes ativos, com os mineiros homens, em formular uma consciência social para unir para a greve. Alternativamente, se nossas análises mostram que cada grupo étnico teve condições materiais distintas no cotidiano da vida doméstica, então aceitaremos a noção tradicional de que famílias seguiam a liderança dos mineiros que adquiriram uma identidade de classe comum nos poços.

A Arqueologia Histórica oferece uma arena muito produtiva para os arqueólogos examinarem as relações entre consciência social, experiência vivida e condições materiais para a mudança cultural (Orser 1996, Shackel 1996). Nos períodos históricos, o arqueólogo pode integrar documentos e cultura material para capturar tanto a consciência como as condições materiais que formam a experiência vivida (Beaudry 1988, Leone & Potter 1988, Little 1992, Leone 1995, DeCunzo & Herman 1996). Nos documentos, as pessoas falam-nos sobre sua consciência, seus interesses e suas lutas, mas nem todas com a mesma força ou presença. Também, raramente nos falam em detalhes sobre suas vidas cotidianas. Contudo, criam um registro arqueológico da acumulação de pequenas ações que fazem sua experiência vivida. Assim, o registro arqueológico consiste, primordialmente, de vestígios das vidas mundanas de pessoas, sendo que toda pessoa deixa traços neste registro material.

A pesquisa arqueológica fornece um meio para ganhar um entendimento rico, mais detalhado e sistemático da experiência cotidiana das famílias mineiras do Colorado. Estas famílias, sem querer, deixaram um vestígio desta experiência no solo. Os arqueólogos podem recapturá-la nos vestígios queimados de suas barracas, na planta dos acampamentos, no conteúdo de suas latrinas e mexen-

do entre o lixo que eles deixaram para trás. A ligação desta informação com fontes documentais e fotográficas, dá-nos uma útil maneira de reconstruir aquela experiência. Aplicando estes métodos às cidades da companhia ocupadas antes da greve, às barracas dos grevistas e aos acampamentos da companhia reabertos depois da greve, podemos testar nossas propostas interpretativas.

A United Mine Workers mantém o sítio de Ludlow como um santuário para os trabalhadores que lá morreram. Há atualmente um monumento no sítio, mas pouca ou nenhuma informação interpretativa. Por muitos anos, somente os membros do sindicato, sobreviventes, descendentes dos participantes e turistas historicamente orientados visitaram o sítio. A maioria destes indivíduos teve conhecimento anterior dos eventos no sítio. Em abril de 1997, o Departamento de Rodovias do Colorado finalmente propôs uma placa de ponto de interesse, na interestadual 25, de modo que a visitação tem aumentado notavelmente e agora muitos dos visitantes não sabem o que aconteceu lá. Solicitamos dinheiro à Sociedade Histórica do Colorado para desenvolver exposições e programas interpretativos em Ludlow. Nossos resultados da pesquisa aqui proposta serão usados nestas interpretações públicas.

Pesquisa arqueológica até hoje

Começamos as escavações em Ludlow e em uma das cidades mineiras de montanhas, Berwind. Fizemos um teste inicial em Ludlow durante julho de 1997 e escavações mais extensas em Ludlow e testes em Berwind durante o verão de 1998. O local do massacre em si representa um contexto arqueológico quase perfeito. É uma ocupação de curto prazo, que foi destruída pelo fogo e pelo subsequente uso da área para pastagem de gado, o que produziu pequeno impacto nos vestígios arqueológicos. Em Berwind, a companhia derrubou as casas e prédios, mas as estradas, fundações, latrinas e covas de lixo permanecem.

O teste no sítio de Ludlow demonstrou que seríamos capazes de encontrar características associadas com o acampamento de greve e nos deu várias idéias da distribuição e tipos de artefatos que poderíamos esperar. Estabelecemos uma grade sobre a área inteira do acampamento (aproximadamente 72 m²). Contamos os artefatos em superfí-

cie, em intervalos de 10 m, sobre esta área, para mapear sua distribuição. Estas distribuições iguam ao plano do acampamento como mostrado em fotografias. A escavação de uma trincheira-teste de 1m x 20m, em 1997, mostrou que a profundidade para a superfície de 1913-1914 era somente de 5 a 10 cm e expôs madeira queimada e manchas cinzas que acreditamos serem os vestígios de uma plataforma de barraca. Por fotos de barracas queimadas e demolidas, sabemos que eram construídas primeiro cavando uma fundação, então colocando vigas de madeira diretamente no solo para sustentar uma plataforma e armação de madeira. Uma vez cobertas com lonas, os grevistas empilhavam um monte de terra ao redor da base da barraca, frequentemente com altura de quase um metro. Em 1998, escavamos uma plataforma que descobrimos em 1997 e fomos capazes de defini-la por manchas na terra, vestígios de escavação rasa e carreiras de pregos que seguiam as vigas.

No que foi a primeira fileira de barracas, não longe da barraca 58, o buraco da morte, encontramos e testamos um dos porões que foi escavado sob uma barraca. Na extremidade norte do sítio, escavamos um teste de 1m x 1m na área elevada do acampamento, e encontramos depósitos com uma profundidade de 20 a 25 cm. Finalmente, fizemos um exame de radar no solo de duas áreas de 2.500 m². Este exame revelou diversas irregularidades que podem ser fossas ou porões que estavam de baixo das barracas e demonstrou a aplicabilidade da abordagem para nossa situação.

Berwind foi um município (CF & I) localizado no canyon Berwind perto de Ludlow, ocupado antes e depois da greve. A CF & I construiu a cidade em 1892 e a abandonou em 1931. Em 1988, fizemos um mapa detalhado da comunidade e fomos capazes de definir numerosos bairros residenciais distintos. Os vestígios das casas e latrinas são claramente visíveis em Berwind. Escavações-teste de unidade de 1m x 1m revelaram depósitos estratificados de até 50 cm de profundidade, nos cercados associados com as casas. Fomos capazes de ordenar estes depósitos dentro das datações de antes, durante e depois da greve. Nosso exame preliminar de artefatos dos testes, de fotos da comunidade em diferentes pontos no tempo e de registros da companhia, indicam que vários dos bairros datam de antes da greve, enquanto outros foram construídos como parte do programa de melhoria dos municípios que se seguiu à greve. Tam-

bém contatamos e começamos as entrevistas de história oral com duas pessoas que viveram em Berwind durante os anos 20 e 30.

A Arqueologia como Memória

A crônica da guerra do carvão de 1913 e 1914 e de Ludlow é uma história que tem sido oculta, perdida, ou mais seletivamente lembrada do lado de fora dos círculos do sindicato. Os novos avisos na interestadual identificando a saída para o “Memorial do Massacre de Ludlow” atraem um pequeno mas constante fluxo de turistas de verão ao sítio. Muitos destes indivíduos chegam ao sítio esperando encontrar um monumento de um Massacre Indígena. Neste contexto, nossas escavações tornam-se uma forma de memória que relembra o que aconteceu em Ludlow, os sacrifícios que os grevistas fizeram e que os direitos dos trabalhadores foram alcançados por meio de lutas terríveis.

A história de Ludlow tem um grande apelo popular. A violência dos eventos e a morte de mulheres e crianças a tornou convincente. Não é também um conto de um passado distante ou exótico. Descendentes dos grevistas ainda visitam regularmente o local e o United Mine Workers mantém um serviço religioso (*in memoriam*), anual, no monumento. É possível as pessoas relacionarem-se a alguma coisa que ocorreu no tempo dos seus pais ou avós.

Nosso enfoque na vida cotidiana humaniza os grevistas, porque fala sobre eles em termos de relações e atividades que nossas platéias modernas também experimentam. Por exemplo, relações entre maridos e esposas, pais e filhos e atividades tais como preparo de comida para uma família ou como ter a roupa lavada. O paralelo entre as realidades modernas destas experiências e a vida dos mineiros fornecerá à nossa platéia atual uma comparação, para entender a difícil experiência dos grevistas.

Nos Estados Unidos, as escavações arqueológicas são consideradas dignas de reportagem. Nossas duas primeiras temporadas de escavação resultaram em artigos em todos os maiores jornais do Estado do Colorado. Eric Zorn, colunista da Tribuna de Chicago seguiu nossas escavações e reportou em uma coluna diária, em 1997. Ele intitulou a coluna “Direitos dos Trabalhadores foram alcançados com sangue” Nossas escavações dão

aos eventos de 1913 e 1914 uma realidade moderna, eles vivem e tornam-se notícia novamente.

Temos também focado o desenvolvimento de programas interpretativos no local do massacre. O United Mine Workers, bem como outros, lembram bem o que aconteceu em Ludlow. Mais de uma centena de metalúrgicos em greve das fábricas da Colorado Fuel and Iron, em Pueblo, Colorado, visitaram nossas escavações em junho de 1998. Eles fizeram de Ludlow e do massacre um símbolo de sua luta atual. Mas, os turistas provenientes da rodovia precisam de educação. Durante o verão de 1998, mais de 500 pessoas visitaram nossas escavações e ouviram a história do que aconteceu. Estamos, agora, planejando e construindo uma exposição interpretativa permanente ao aberto, que será erigida no memorial no início do verão de 1999. Esta exposição informará os turistas sobre a greve e o massacre.

Um importante componente de nosso programa de educação é a preparação de programas escolares e pacotes educacionais para as escolas públicas do Colorado. Estamos atualmente escrevendo um currículo para as escolas do ensino médio sobre a História do trabalho no Colorado, tendo a greve de 1913 e 1914 como seu foco central. Durante o verão de 1999, estaremos mantendo um instituto de treinamento para professores em Trinidad, Colorado. A proposta deste instituto será educar os professores sobre a História do trabalho e elaborar materiais de sala de aula para usar no ensino da História do trabalho do Colorado.

De volta ao meu avô

Meu avô apreciou meu interesse em Arqueologia devido a seu apreço pela dignidade do trabalho físico. No projeto da Guerra do Carvão do Colorado, encontrei uma Arqueologia que meu avô teria conseguido entender emocional e intelectualmente. Este é um projeto que se refere à minha própria família e origem. É um dos poucos projetos arqueológicos idealizados nos Estados Unidos que fala para a classe trabalhadora. Ele fala de sua experiência em uma linguagem que ela pode entender, sobre eventos que interessam a ela e com os quais sente-se diretamente ligada. Fazendo isto, também torna-se uma forma de práxis que procura conhecer, criticar e, o mais importante, agir no mundo.

Referências bibliográficas

- ANTONE, C.F.
1986 *Reburial: A Native American Point of View*. World Archaeological Congress, Southampton.
- BASSETT, E.
1994 "We Took Care of Each Other Like Families Were Meant To": Gender, Social Organization, and Wage Labor Among the Apache at Roosevelt. E. Scott (Ed.) *Those of Little Note: Gender, Race, and Class in Historical Archaeology*. Tucson, University of Arizona Press: 55-79.
- BEAUDRY, M. (Ed.)
1988 *Documentary Archaeology in the New World*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BEAUDRY, M.C.; MROZOWSKI, S.
1988 The archaeology of work and home life in Lowell, Massachusetts: An interdisciplinary study of the Boott Cotton Mills Corporation. *Industrial Archaeology*, 19:1-22.
- BESHOAR, B.B.
1957 *Out of the Depths: The Story of John R. Lawson, A Labor Leader*. Denver: Colorado Historical Commission & Denver Trades & Labor Assembly.
- CAMERON, A.
1993 *Radicals of the Worst Sort: Laboring Women in Lawrence Massachusetts 1860-1912*. Urbana: University of Illinois Press.
- De CUNZO, L.A.
1983 *Economics and Ethnicity: An Archaeological Perspective on Nineteenth Century Patterson New Jersey*. Ph.D. dissertation, University of Pennsylvania, Philadelphia.
- De CUNZO, L. A.; HERMAN B.L. (Eds.)
1996 *Historical Archaeology and the Study of American Culture*. Henry Francis du Pont Winterthur, Delaware: Winterthur Museum.
- DELORIA Jr., V.
1973 *God is Red*. New York: Grosset and Dunlap.
1995 *Red Earth, White Lies: Native Americans and the Myth of Scientific Facts*. New York: Simon and Schuster.
- ECHO-HAWK, R.C.
1993 Exploring Ancient Worlds. *SAA Bulletin*, 11 (4): 5-6.
- FRYKMAN, J.
1990 What People Do But Seldom Say. *Ethnologia Scandinavica*, 20: 50-62.
- GITELMAN, H.
1988 *Legacy of the Ludlow Massacre: A Chapter in American Industrial Relations*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- HAMMIL, J.; CRUZ, R.
1989 Statement of American Indians Against Desecration Before The World Archaeological Congress. R. Layton (Ed.) *Conflicts in the Archaeology of Living Traditions*. London, Unwin Hyman: 46-59.
- HARDESTY, D.L.
1988 *The Archaeology of Mines and Mining: The View from the Silver State*. Pleasant Hill, CA.: Society for Historical Archaeology.
- LEONE, M.B.
1995 A Historical Archaeology of Capitalism. *American Anthropologists*, 97: 251-268.
- LEONE, M.B.; POTTER Jr., P.B.
1988 Introduction: Issues in Historical Archaeology. M.B. Leone; P.B. Potter Jr. (Eds.) *The Recovery of Meaning: Historical Archaeology in the Eastern United States*. Washington, Smithsonian Institution Press: 1-26.
- LITTLE, B. (Ed.)
1992 *Text-Aided Archaeology*. Boca Raton: CRC Press.
- LONG, P.
1985 The Women of the CF&I Strike, 1913-1914. R. Milkman (Ed.) *Women, Work, and Protest: A Century of U.S. Women's Labor History*. London: Routledge & Kegan Paul.
1991 *Where the Sun Never Shines: A History of America's Bloody Coal Industry*. New York: Paragon Books.
- McDONALD, J.D.; ZIMMERMAN, L.J.; McDONALD, A.L.; BULL, W.T.; SUN, T.R.
1991 The Northern Cheyenne Outbreak of 1879: Using Oral History and Archaeology as Tools of Resistance. R.H. McGuire; R. Paynter (Eds.) *The Archaeology of Inequality*. Oxford, Basil Blackwell: 125-150.
- McGAW, J.A.
1989 No Passive Victims, No Separate Spheres: A Feminist Perspective on Technology's History. S.H. Cutcliffe; R. Post (Eds.) *In Context: History and the History of Technology*. Bethlehem, Lehigh University Press: 172-191.
- McGOVERN, G.S.; GUTTRIDGE, L.F.
1972 *The Great Coalfield War*. Boston: Houghton Mifflin Company.
- McGUIRE, R.H.
1992 *A Marxist Archaeology*. Orlando: Academic Press.
- PATTERSON, T.C.
1995 *Towards a Social History of Archaeology in the United States*. Fort Worth: Harcourt and Braceco.
- POTTER Jr., P.B.
1994 *Public Archaeology in Annapolis: A Critical Approach to History in Maryland's "Ancient City"*. Washington D.C.: Smithsonian Institution Press.
- MROZOWSKI, S.G.; ZIESING, H. BEAUDRY, M.C.
1996 *Living on the Boott: Historical Archaeology at the Boott Mills Boardinghouses, Lowell, Massachusetts*. Amherst: University of Massachusetts Press.
- ORSER, C.
1996 *A Historical Archaeology of the Modern World*. New York: Plenum Press.

PAPANIKOLAS, Z.

- 1982 *Buried Unsung: Louis Tikas and the Ludlow Massacre*. Salt Lake City: University of Utah Press.

SCHUYLER, R.L. (Ed.)

- 1980 *Archaeological Perspectives on Ethnicity in America*. Farmingdale: Baywood Publishing, Inc.

SELIGMAN, E.R.

- 1914a The Crisis in Colorado. *The Annalist*, May 4.
1914b Colorado's Civil War and Its Lessons. *Leslie's Illustrated Weekly Newspaper*, November 5.

SENNETT, R.; COBB, J.

- 1972 *The Hidden Injuries of Class*. New York: Vintage Books.

SHACKEL, P.

- 1994 A Material Culture of Armory Workers. P. Shackel (Ed.) *Domestic Responses to Nineteenth-Century Industrialization: An Archaeology of Park Building 48, Harpers Ferry National Historical Park*. U.S. Department of the Interior, National Park Service, National Capital Region, Regional Archaeology Program, Washington, D.C.: 10.1-10.7
1996 *Culture Change and the New Technology: An Archaeology of the Early American Industrial Era*. New York: Plenum Press.

SPECTOR, J.D.

- 1993 *What This Awl Means: Feminist Archaeology at a Wahpeton Dakota Village*. Minneapolis: Minnesota Historical Society Press.

TALBOT, S.

- 1984 Desecration and American Indian Religious Freedom. *Akwesasne Notes*, 16 (4): 20-21.

THOMAS, M.

- 1971 *Those Damn Foreigners*. Hollywood.

TOMASKY, M.

- 1997 Waltzing With Sweeny: Is the Academic Left Ready to Join the AFL-CIO? *Lingua Franca*, February: 40-47.

TRIGGER, B.G.

- 1989 *A History of Archaeological Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.

WEGARS, P.

- 1991 Who's Been Workin' on the Railroad: An Examination of the Construction, Distribution, and Ethnic Origins of Domed Rock Ovens on Railroad-related Sites. *Historical Archaeology*, 25: 37-65.

WHITESIDE, J.

- 1990 *Regulating Danger: The Struggle for Mine Safety in the Rocky Mountain Coal Industry*. Lincoln: University of Nebraska Press.

ZIMMERMAN, L.J.

- 1992 Indigenous Voice and Its Role in Archaeological Theory. *Archaeology in the 1990s: Seeking a Comparative Perspective on Theory, Method, and Teaching*. Armidale, Australia: University of New England.